COMUNICAÇÃO DIGITAL, MUDANÇAS COGNITIVAS E PRAGMATICISMO ¹

DIGITAL COMMUNICATIONS, COGNITIVE CHANGES AND PRAGMATICISM

Francisco José Paoliello Pimenta ²

Resumo: O artigo busca descrever contribuições da Máxima Pragmática, proposta pelo lógico Charles S. Peirce, para os atuais estudos da Comunicação, em especial aqueles derivados das transformações decorrentes das trocas por meio das redes digitais. Relações entre o método pragmático e as etapas das investigações científicas são apresentadas por meio de exemplos de investigações realizadas nos últimos anos sobre processos comunicacionais envolvendo ciberativismo, jogos eletrônicos, redes sociais e pesquisadores.

Palavras-Chave: 1. Epistemologia; 2. Comunicação; 3. Pragmatismo.

Abstract: This article intends to describe contributions that the Pragmatic Maxim, proposed by the logician Charles S. Peirce, could bring to the current communication studies, mainly those related to changes promoted by digital networks. Relations between the pragmatist method and the steps of scientific research are presented through examples of recent investigations about communication processes involving cyberactivism, electronic games, social networking and researchers.

Keywords: 1. Epistemology; 2. Communication; 3. Pragmatism.

1. Os estudos em comunicação e a realidade do pensamento mutante

Vivemos, hoje, um contexto de transformações cognitivas geradas pela comunicação imediata, planetária, ubíqua, portátil e em rede, articuladas a mudanças comportamentais e perceptivas. Essa proposição não é nova. Desde o início da década de 60 do século passado, o filósofo canadense Marshall McLuhan já descrevia o início dessas alterações que, segundo ele, estariam transformando o planeta numa “aldeia global”. A nova realidade afetaria

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XXIII Encontro da Compós, na UFPA, Belém, PA, em maio de 2014.

² Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCom/UFJF. paoliello@acessa.com.

diretamente a forma como pensamos, pois conforme afirmava, “por que não poderia a tradução, ora em curso, de nossas vidas sob a forma de informação, resultar numa só consciência do globo inteiro e da família humana? (McLuhan, 1969: 81).

A ideia de que a consciência humana é um mecanismo biológico sujeito a modificações semelhantes às que afetam os demais seres vivos é ainda mais antiga, tendo sido sistematizada pelo geoquímico russo Vladimir Vernadsky, por influência de Édouard Le Roy, no início do século XX (Vernadsky, 1998). Teilhard de Chardin também desenvolveu, na época, o mesmo conceito, embora sob uma visão antropocêntrica. Na obra *A Biosfera*, publicada em 1926, Vernadsky apresentou a hipótese da evolução das espécies decorrer da transformação da luz solar em energia química, por meio de processos metabólicos que geram a consciência e o pensamento dialógico, criando a Noosfera, ou seja, a esfera dos significados (Vernadsky, 1998: 158).

Nas décadas seguintes, outros autores também trabalharam com ideias próximas, entre eles os precursores da Internet Vannevar Bush, Norbert Wiener, e, em especial Douglas Engelbart, autor do clássico *Ampliando o Intelecto Humano* (*Augmenting Human Intellect*). Bush pensava sua proposta originária da década de 30 de se criar uma rede de microfimes, o Memex, como uma forma de ampliação da memória. O interesse gerado o levou a publicar, em 1945, a descrição da proposta no clássico *Como podemos pensar* (*As we may think*), no qual apresenta outras incríveis previsões de equipamentos muito próximas daqueles que operamos hoje (Wardrip-Fruin & Montfort, 2003: 37).

Wiener, entre diversas outras realizações próximas a esse tema, foi um dos principais desenvolvedores da Cibernética, que envolvia a ideia de cooperação entre seres humanos e máquinas também dentro dessa concepção mais geral da possibilidade de ampliação de nossa capacidade de pensar (Wardrip-Fruin & Montfort, 2003: 65). Já Engelbart, influenciado pela obra de Bush, vislumbrou o trabalho coletivo por meio de estações de trabalho com telas de televisão para a resolução conjunta de problemas, e, daí, veio a propor, no início da década de 60, um sistema computacional para a ampliação do intelecto humano. Já na abertura de seu clássico artigo *Augmenting Human Intellect: a conceptual framework*, ele afirma:

Por ‘ampliação do intelecto humano’ quero dizer ampliar a capacidade humana de tratar uma situação-problema complexa, para obter uma compreensão adaptada às suas necessidades particulares e, daí, derivar soluções para problemas. Capacidade aumentada é tomada nesse sentido para significar uma mistura do seguinte: compreensão mais rápida; compreensão melhorada; possibilidade de obter um grau

útil de compreensão numa situação que anteriormente era complexa demais; soluções mais rápidas; soluções melhores; e a possibilidade de encontrar soluções para problemas que antes pareciam insolúveis (Wardrip-Fruin & Montfort, 2003: 95).

Porém o que mais nos interessa aqui são as transformações cognitivas recentes inauguradas pela comunicação de massa por meios eletrônicos digitais e, em especial, aquelas derivadas da Internet, articuladas a mudanças comportamentais e perceptivas. Assim, nesse caminho aberto por McLuhan, em meio a diversos pensadores que se detiveram na análise das transformações do pensamento nesse novo contexto da cultura humana, como Nicholas Negroponte e Seymour Papert, firma-se um novo marco trinta anos depois com as obras do filósofo francês Pierre Lévy. Isso se dá a partir do início da década de 90, exatamente quando Tim Berners-Lee lança o seu projeto de uma rede mundial de computadores, a *World Wide Web*.

Lévy se insere numa extensa tradição relacionada ao conceito de inteligência coletiva que perpassa várias áreas do saber e tem sido enfatizada na sociologia desde os trabalhos de Émile Durkheim, entre outros. A contribuição original de Lévy que queremos destacar decorre de sua abordagem da rápida expansão da informática propiciando o desenvolvimento de uma “tecnologia da inteligência”. Embora sob uma perspectiva ainda muito marcada pelo estruturalismo culturalista dos anos 80, limitada pela base na linguagem verbal, avança com a ideia de que o novo ambiente comunicacional apoiado nas redes digitais estimula transformações cognitivas relacionadas a um crescimento do pensamento coletivo. Por meio da concepção de cibercultura, Lévy defendeu, então, a invenção de novas formas democráticas, reunindo-se a uma percepção mais ampla que gerou o que veio a se constituir no atual ciberativismo, sob inspiração de movimentos como o Critical Art Ensemble, apoiados, por sua vez, nos conceitos de nomadismo e nos trabalhos de Deleuze e Guattari.

Nesse ambiente, a pesquisadora norte-americana Sherry Turkle lançou, em 1995, *A Vida na Tela (Life on the Screen)*, causando grande impacto na esfera da Comunicação. Ao tratar da influência dos novos meios digitais na sociedade, Turkle também trabalhou com a ideia de que esse contexto estaria transformando a forma como pensamos e, ainda, como vemos a nós mesmos. Ainda muito presa às concepções teóricas pós-estruturalistas do final do século XX, em especial ao conceito de simulação e às características da primeira geração da Internet, mais relacionada aos procedimentos de programação do que à participação do

usuário final, ainda assim a autora já percebia o processo de reconfiguração do pensamento humano por suas interações com a tecnologia digital.

Segundo Turkle, estaria sendo criada, na época, uma “mitologia” que renovava nosso sentido de identidade coletiva, gerando a ideia de mente expandida:

Para Will, um escritor de 37 anos que recentemente se conectou à rede, a Internet inspira uma mitologia pessoal na qual ele se sente parte de algo mais amplo do que ele mesmo: ‘a Internet é como um cérebro gigante... está se desenvolvendo por si própria. E pessoas e computadores são sua rede neural’. Essa perspectiva coloca os cérebros humanos e computadores numa simetria provocativa e juntos contribuem para uma estrutura maior em desenvolvimento (Turkle, 1995: 265).

Em vista do rápido desenvolvimento das tecnologias digitais associadas à disseminação da Internet, a partir da primeira década do século XXI, diversos outros autores também trabalharam com a ideia de que a comunicação veiculada por esses meios estaria influenciando a cognição.

O crítico e pesquisador norte-americano Howard Rheingold foi um deles, ao apresentar reflexões derivadas do lançamento dos primeiros computadores pessoais no início da década de 80, e consolidadas no livro *A Comunidade Virtual*, lançado em 1993. Nessa obra, o autor já apontava o crescimento da ideia de esfera pública com a disseminação dos meios digitais, porém não deixava de destacar, também, as limitações de seus efeitos em vista de apropriações particularistas e seus “ecossistemas de subculturas frívolas”, pois, apesar de ser um dos defensores da ideia desses suportes serem “amplificadores” da mente, também haveria desvantagens em tais desenvolvimentos (Rheingold, 1993: 5).

A partir dessa mesma perspectiva crítica, Rheingold tem defendido em artigos mais recentes um esforço de aprendizagem digital necessariamente colaborativo, de forma a alavancar a cultura participativa da Internet, da mesma maneira que a disseminação da habilidade da leitura amplificou a inteligência coletiva cinco séculos atrás. Além de considerar que os processos do pensamento humano são apenas uma parte de um sistema que inclui neurônios, símbolos, mecanismos de busca, sistemas sociais e nuvens computacionais (Reinhgold, 2012: 33), diz o autor, em *Net Smart*, de 2012:

Inteligência coletiva e fontes de massa (*crowdsourcing*) são outros termos emergentes para capturar formas ‘modernas’ de colaboração. Quando não se comunicam diretamente como fazem em comunidades virtuais, as pessoas podem, no entanto, agregar esforços individuais para criar bens públicos úteis. Marcando e etiquetando sites da Internet que contêm informação útil, elas estão criando um tipo de conhecimento supervisionado em massa que seria impossível antes da Internet (Reinhgold, 2012: 11).

Outro autor que se destacou ao tratar do tema foi o pesquisador norte-americano Henry Jenkins, ao apresentar em 2006 o conceito de Convergência Cultural. Segundo ele, a convergência de meios, derivada do desenvolvimento das tecnologias digitais e respectivos usos sociais, não acontece apenas em seus suportes materiais, mas também nos cérebros dos usuários desses sistemas.

Daí, Jenkins defendeu que esse processo gera transformações culturais, ou seja, alterações na forma como as pessoas encaram o fluxo de informações que é compartilhado no ciberespaço, pois “cada um constrói sua própria mitologia, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos a vida cotidiana” (Jenkins, 2006: 30). O autor afirmava, ainda, que a convergência altera o funcionamento social e a forma como a comunicação é realizada:

A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático. Estamos aprendendo a usar esse poder em nossas interações diárias. (...) Neste momento, estamos usando esse poder coletivo principalmente para fins recreativos, mas em breve estaremos aplicando essas habilidades para “propósitos” mais sérios. (...) a produção coletiva de significados, na cultura popular, está começando a mudar o funcionamento das religiões, da educação, do direito, da política, da publicidade e mesmo do setor militar (Jenkins, 2006: 30).

O filósofo Andy Clark também tratou do tema ao defender, em 2008, que a mente se expande sobre o meio ambiente, superando, principalmente a partir das linguagens, as vertentes cartesianas que promovem separações entre mente, cérebro e corpo. As linguagens, como extensões da mente, são compreendidas por Clark também como tecnologias, conforme já defendia Walter Ong (Ong, 2002), e servem para acoplamentos com máquinas, por meio de próteses, nos tornando seres transformados, híbridos, ciborgues. A memória e a capacidade mental seriam, assim, estendidas (Clark, 2008).

As contribuições de Clark inserem-se na tese da mente expandida que vem sendo desenvolvida na esfera da filosofia da mente e que defende que os diversos tipos de objetos com os quais convivemos em nosso ambiente também formam parte dela, sob certas condições. Uma das obras inaugurais dessa vertente deve-se exatamente a Clark, que, em parceria com David Chalmers, publicou em 1998 o artigo A Mente Estendida, no qual apresentam a ideia desse “externalismo ativo” (Clark & Chalmers, 1998). Derivada da concepção do externalismo semântico, segundo a qual há uma determinação do ambiente sobre os processos de significação, essa proposta teórica destaca a linguagem como um dos

objetos com os quais convivemos que fazem parte de nossa mente. Afirmavam, nesse sentido, os autores:

Sem a linguagem, deveríamos estar muito mais próximos a discretas e cartesianas mentes ‘interiores’, nas quais a cognição de alto nível depende principalmente de recursos internos. Porém o advento da linguagem nos permitiu dividir esse fardo com o mundo. A linguagem, assim interpretada, não é um espelho de nossos estados interiores, mas um complemento deles. Ela serve como um instrumento cujo papel é estender a cognição de maneiras que os dispositivos a bordo não conseguem. De fato, pode ser que a explosão intelectual do tempo evolutivo recente seja devida tanto a essa extensão da cognição permitida pela linguagem quanto a qualquer desenvolvimento independente dos nossos recursos cognitivos interiores (Clark & Chalmers, 1998: 17).

A proposta teórica de Clark é consequência da chamada “virada linguística” (*linguistic turn*), um dos principais movimentos da filosofia ocidental do último século, ou seja, a ideia de que os estudos filosóficos estão diretamente conectados às ciências da linguagem. Nesse sentido, o externalismo defendido por Clark, que descrevemos acima, o coloca próximo às vertentes pragmáticas da semiologia derivada de Saussure e, especialmente, do Pragmaticismo de Peirce. Isso porque consiste numa postura que mostra relações com o Realismo e sua proposição de uma concepção do Real como autônomo frente ao pensamento humano. A seguir, buscaremos compreender melhor tais articulações entre a ideia de mudanças cognitivas derivadas das tecnologias digitais e o Pragmaticismo.

2. Mudança cognitiva e Pragmaticismo

2.1. A ideia de Peirce

No decorrer de sua trajetória, o lógico Charles S. Peirce sempre buscou desvendar os passos necessários a qualquer tipo de ampliação do conhecimento e, portanto, das descobertas, a partir de uma compreensão das trocas comunicacionais como processos sígnicos (Peirce, 1931-58: 5.18). Essa pesquisa de toda a vida, que envolveu a criação de uma Máxima Pragmática por meio de sua categoria da Terceiridade, se voltou para o entendimento dos processos de significação mais complexos possíveis, de forma a explicitar os mecanismos evolutivos da conduta racional humana e suas transformações. Assim, por meio dessa perspectiva, nem todos os processos comunicacionais conduziram a mudanças cognitivas, mas apenas esses mais complexos, conforme veremos a seguir.

Em uma de suas formulações mais acabadas, de 1907, Peirce descreve assim a Máxima Pragmática: “Considere quais os efeitos que concebivelmente poderiam ter as

consequências práticas que você concebe que o objeto de sua concepção tem; então, o hábito mental geral que consiste na produção destes efeitos é o significado total de seu conceito” (Peirce, 1907: MS 318 apud Neshier, 1983: 240).

Portanto, em lugar dos significados serem apenas conceitos, ou efeitos de conceitos humanos, o que implicaria numa perspectiva Conceptualista, sua proposta é considerá-los como consistindo no processo lógico, habitual, da “mente da natureza”, que produz os efeitos práticos verificados no objeto em análise (Neshier, 1983: 240). Assim, a máxima tem um autêntico caráter Realista, uma vez que a referência última dos processos de significação vai muito além do que se passa na mente e na cultura humana e, portanto, de seus meros nomes. Um pouco mais à frente, veremos, então, de que forma esses processos de significação, assim compreendidos em toda a sua complexidade, estão associados a transformações cognitivas.

As mudanças no pensamento, segundo o Pragmaticismo de Peirce, têm sua origem em inferências vagas do pensamento hipotético, ou abdução, sobre a lógica da natureza:

Se você considerar cuidadosamente a questão do Pragmatismo, verá que ele nada mais é do que a questão da lógica da abdução. (...) Pois a máxima do Pragmatismo é a de que uma concepção não pode ter nenhum efeito lógico ou sentido que a diferencie de uma segunda concepção, exceto na medida em que, tomada em conexão com outras concepções e intenções, deve concebevelmente modificar nossa conduta prática de um modo diferente desta segunda concepção (Peirce, 1931-58: 5.196).

Portanto, embora sejam inferências iniciais, de caráter muito incerto, as hipóteses constituem o cerne da compreensão que se possa ter sobre a realidade em constante transformação, como sua operação criativa mais relevante e geradora de explicações possíveis. As etapas seguintes, da dedução e da indução, atuam como coadjuvantes ao criar as condições e efetuar os testes que avaliarão o grau de confirmação dessas hipóteses perante a dinâmica dos fatos.

A partir de uma associação inusitada, as hipóteses devem ser montadas na forma de um diagrama mental e, daí, observadas para que sejam previstas diversas relações com aquele contexto vivido. Em seguida, poderão ser avaliados quais aspectos são mais plausíveis, e que, portanto, devem ser considerados na tentativa de se compreender o processo em questão.

De acordo com a Máxima Pragmática, a partir do diagrama obtido desse trabalho mental com a hipótese e suas relações é preciso deduzir quais seriam suas possíveis consequências práticas imagináveis para viabilizarmos os testes empíricos subsequentes sobre o objeto investigado. Isso porque serão as verificações sobre tais consequências

imaginadas que, ao final, permitirão chegar a resultados que nos indiquem se há um padrão de efeitos gerados pelo objeto, conduzindo, assim, a previsões a respeito da classe à qual ele pertence. Esse padrão, ou hábito mental geral, consistiria, então, na significação total em jogo, de acordo com a Máxima Pragmática.

A inferência indutiva seria, portanto, o próximo passo, permitindo o teste prático do novo modo de pensar proposto pela abdução. É imprescindível que as possíveis consequências práticas deduzidas das hipóteses sejam submetidas ao crivo da realidade existencial fora da mente, a qual deve estar em genuína dúvida sobre o grau dessa confirmação, para que se possa atingir a lógica que governa a frequência de ocorrência daqueles fenômenos.

2.2. O significado como hábito mental geral, coletivo e mutante

Na medida em que a Máxima Pragmática se aplica, em especial, aos significados mais complexos, derivados de processos de comunicação que envolvem conceitos intelectuais, a compreensão adequada dessa lógica implicaria, então, em ações conscientes do princípio guia sob o qual esses conceitos atuam. Nas palavras de Peirce:

Dizer que uma operação da mente é controlada é dizer que é, num sentido especial, uma operação consciente; e isso, sem dúvida, é consciência do raciocínio. Pois esta teoria exige que, ao raciocinar, estejamos conscientes não somente da conclusão e de nossa aprovação deliberada a seu respeito, mas também dela ser o resultado da premissa a partir da qual ela resulta, e, além disso, de que a inferência é uma da possível classe de inferências que se conformam a um princípio guia (Peirce, 1931-58: 5.441).

A descoberta desse princípio guia, o qual constitui a lógica subjacente aos processos sob investigação, deve ser, portanto, o objetivo principal, tanto por parte das mentes que se comunicam nesse patamar de sofisticação, quanto daqueles que as pesquisam. Uns em busca de maior eficácia comunicacional, os outros para avaliar em que medida esses processos se aproximam de sua possível excelência sýgnica.

E é essa lógica aquilo a que Peirce se refere na asserção final da Máxima, quando diz que o significado total do objeto concebido é o hábito mental geral que consiste na produção de seus efeitos. Quem se comunica, comunica melhor se conhece seus próprios hábitos mentais e os articula à lógica geral daquele processo de comunicação. Quem pesquisa, busca compreender e avaliar a qualidade, a eficácia e essa possível excelência dos hábitos comunicacionais das mentes que investiga, assim como de sua própria lógica.

Como a realidade externa a essas mentes encontra-se em permanente mudança, a consciência de seus próprios princípios guia lógicos permitiria a elas aproximações crescentes daquilo que, para Peirce, nada mais é do que a “Razão”, a lógica, ou “pensamento” do universo. Esse vínculo entre processos comunicacionais bem sucedidos, na medida em que se tornem hábitos em permanente mudança, e regularidades naturais, com caráter geral, é um dos preceitos da Máxima Pragmática, de acordo com o que defende esse autor:

E não se negligencie o fato de que a máxima pragmaticista nada diz sobre experimentos singulares ou sobre fenômenos experimentais singulares (pois aquilo que condicionalmente é verdade *in futuro* dificilmente pode ser singular), mas só fala das espécies gerais de fenômenos experimentais. O adepto desta doutrina não se esquiva de falar dos objetos gerais como sendo reais, uma vez que tudo o que é verdadeiro representa um real. Ora, as leis da natureza são verdadeiras (Peirce, 1931-58: 5.545).

Esse, portanto, seria o caminho indicado pelo criador da Máxima para que os processos comunicacionais atinjam sua máxima produtividade, ou seja, que operem por meio de princípios guia que constituam hábitos autoconscientes e em permanente mudança, tal como ocorre no “pensamento” do universo.

3. Mudanças cognitivas e processos comunicacionais multicódigos

3.1. As hipóteses do pensamento em mudança

A partir de diversas investigações realizadas, trabalhamos com a hipótese de que, nos últimos anos, estaríamos frente ao despontar de transformações cognitivas derivadas da crescente consciência de estarmos operando com processos comunicacionais multicódigos, com boas possibilidades desse contexto de mudança se estender também à esfera da definição epistemológica desse campo do saber (PIMENTA, 2007a, 2007b, 2009 e 2010; PIMENTA e RODRIGUES, 2012; PIMENTA e UMBELINO, 2012; PIMENTA e RIVELLO, 2012; PIMENTA e VARGES, 2007; PIMENTA e SOARES, 2004; SILVA, 2010; entre outros).

Essas pesquisas desenvolveram-se a partir de duas hipóteses. A primeira, de que os processos de comunicação possibilitados pelas redes digitais, quando produzidos de forma multicódigos, estimulam a geração de pensamentos em transformação, permitindo maior efetividade comunicacional. Essa ideia decorreu de outra proposição nossa, também hipotética, de que a ciência da Comunicação tem como objeto os incessantes processos de criação, produção e interpretação de referências a contextos possíveis, existenciais ou ideacionais, ou de articulação entre eles, que envolvem sistemas vivos, inteligências

artificiais ou seus híbridos, e que esses processos sempre conduzem os agentes a algum grau de mudança, afetando modos de perceber, de agir, ou de raciocinar, ou suas combinações.

A consciência de se estar operando a partir da lógica das atuais operações em rede torna-se, assim, o padrão para se criar processos de significação e de comunicação com a maior eficiência possível em relação ao que quer que se pretenda com eles. Mentes que dominam essas operações, em especial por meio de raciocínios coletivos, adquirem, portanto, a capacidade de agir em concordância com a lei viva de produção dos efeitos em questão.

Naturalmente, nem todos os processos comunicacionais atingem tal estágio de excelência, às vezes por sequer pretenderem isso ou, até mesmo, não estarem associados a nenhuma intencionalidade originária, constituindo meros fenômenos percebidos como comunicando algo. Isoladas, essas modalidades comunicacionais esgotam-se em si mesmas e assim cumprem seus papéis. Contudo, mesmo alguns desses processos marcados pela indeterminação, quando atuam em feixes com outros de caráter marcadamente existenciais ou lógicos, são de importância fundamental pelo seu caráter abduutivo e, daí, propiciarem a quebra de modos habituais de pensar e de suas respectivas crenças. Exemplos clássicos vêm das artes plásticas, entre muitos outros, nos processos do Dadaísmo e do Surrealismo.

3.2. Eficiência comunicacional como objetivo ético e mudança

Processos comunicacionais híbridos, articulando relações sgnicas de indeterminação, de existencialidade e procedimentos lógicos são, de fato, atualmente os mais frequentes e, nesses casos, sempre estão associados a algum fim. Em nossas amostras, os ciberativistas desejam conscientizar militantes, os usuários de jogos e redes digitais buscam interações sociais ou simplesmente ganhar pontos, e os pesquisadores em epistemologia da comunicação pretendem esclarecer bases teóricas de um campo do saber. Todas essas mentes têm em vista, portanto, um fim ético como norma pragmática, ou seja, aquilo para o quê está dirigida a força de suas vontades, por meio de condutas autocontroladas e deliberadas.

Portanto, seja quando o processo comunicacional se volta para objetivos estritamente práticos da esfera existencial, ou para fins científicos de descoberta de regularidades lógicas, seus procedimentos visam obter a maior eficiência possível, dentro das circunstâncias. E, na medida em que a Comunicação se propõe a ser uma ciência, a eficiência de seus processos estará associada ao oferecimento de soluções relacionadas aos fins desejados, vinculando-se,

assim, à esfera da mudança e da inovação. Além disso, para que essas soluções se adequem ao *Summum Bonum* pragmaticista é necessário que estejam harmonizadas com padrões da natureza, o que as afastam de posturas relativísticas ou neutras, e, ainda, de particularismos, uma vez que se voltam para uma razoabilidade universal em transformação, sem compromissos com quaisquer paradigmas meramente culturais e humanos.

Em função da adoção dessa perspectiva mutante dos Universais, a ética exige, ainda, a adoção do pensamento comum e da heterocrítica, conforme afirma Peirce nesse excerto relacionado à ideia de continuidade entre os fenômenos físicos e psíquicos:

O sinequista não deve dizer, “Sou completamente eu mesmo e de forma alguma você”. Ao adotar o sinequismo, você deve abjurar essa metafísica da perversidade. Em primeiro lugar, seus próximos são, em certa medida, você mesmo, e numa escala muito maior do que você, sem grandes estudos em psicologia, acreditaria. Na realidade, a individualidade que você gosta de atribuir a si mesmo é, em sua maior parte, a mais vulgar ilusão da vaidade. Em segundo lugar, todos os seres humanos que se assemelham a você e estão em circunstâncias análogas são, em certa medida, você mesmo, embora não tanto da mesma forma que seus próximos são você (Peirce, 1931-58: 7. 571).

Daí, a partir dos testes de nossas hipóteses, confirmamos que, analisadas dessa perspectiva ética, as redes multicódigos de fato geram atitudes em transformação, voltadas para processos comunicacionais de caráter coletivo, globalizado e instantâneo. Tais atitudes decorreram da operação com representações com múltiplos padrões de relações existenciais espaciais e temporais com seus objetos nas atuais comunicações presenciais, ubíquas e imediatas decorrentes das hibridizações de códigos.

3.3. A percepção estética da ambiência compartilhada

Compreendemos assim que, na grande maioria dos casos, isto é, quando nos comunicamos voltados a um fim, buscamos a eficiência desses processos por meio de mudanças cognitivas. Além da Ética, outra base para tais procedimentos é a Estética, conforme a propõe o Pragmaticismo, ou seja, a adoção espontânea de uma ideia pela mente coletiva como a mais adequada, sem nenhuma outra razão a não ser a noção instintiva de sua adequação. Esse caráter instintivo enfatiza a relevância da esfera do sensível, dos aspectos puramente perceptivos e das potencialidades meramente formais dos suportes comunicacionais, dos meios que são a mensagem, segundo McLuhan, ou dos signos em relação apenas a si mesmos, conforme Peirce já apontava desde o século XIX.

Essa ênfase no sensível a partir da ação do signo, ele mesmo, como mediador entre o objeto representado e o interpretante, também mostrou, em nossas pesquisas, a emergência de um momento propício não só para o aprimoramento dos processos comunicacionais como para uma caracterização mais consistente desse campo do saber. De fato, confirmamos que as atuais características multicódigos atuam no caráter transformador, mutante, dos pensamentos apoiados em redes digitais, já a partir da estética, pelas representações sinestésicas que os meios digitais propiciam, ao reproduzirem múltiplas qualidades, tipos e padrões de seus objetos nas hibridizações entre o verbal, o visual, o sonoro e o tátil.

Essas representações com múltiplos padrões de semelhança possíveis com seus objetos, decorrentes do contexto multicódigos, vem criando, assim, percepções instintivas de vivermos um momento de transformações. Nos casos envolvendo as produções ligadas ao ciberativismo, jogos e redes sociais, e aquelas relatadas pelos pesquisadores do grupo de epistemologia da Compós, pudemos observar diversas ocorrências relacionadas às sensações de permanente compartilhamento comunicacional que previmos na hipótese. No caso desses pesquisadores, há uma crescente percepção da ambiência compartilhada e seu caráter de indeterminação. Assim, a Estética constitui outra das bases para a compreensão das causas das mudanças de hábitos que, acreditamos, as produções multicódigos estão possibilitando na esfera comunicacional, permitindo a ampliação da efetividade desses processos.

3.4. A compreensão da lógica mutante dos processos comunicacionais

Finalmente, um terceiro fundamento desses processos de mudança de hábitos derivadas das redes digitais multicódigos é a lógica, compreendida como as condições necessárias do raciocínio autocontrolado e deliberado, voltado para o entendimento da realidade, ou seja, dos meios para se chegar aos objetivos do pensamento. Nessa esfera, nossas pesquisas confirmaram, em um grau expressivo, a previsão de que as representações permitidas pelos meios digitais multicódigos e seus múltiplos padrões derivados dos processos verbais, visuais, sonoros, táteis e gestuais, estão conduzindo as mentes envolvidas a se comunicarem de forma transformada, conscientes dos processos e hábitos inferenciais que estão a utilizar, especialmente em contextos de comunicação coletiva e compartilhada.

O fato de hoje ser possível utilizar diversos padrões de linguagem parece nos fornecer uma aprendizagem que não estava disponível antes dessas operações com tecnologias

híbridas, o que conduz a uma maior segurança na excelência do raciocínio empregado. As confirmações mais consistentes estarem entre adeptos de jogos eletrônicos e redes sociais, que, geralmente, exploram ao limite as possibilidades de linguagem dos meios digitais é algo significativo. Além disso, o fato desses usuários estarem majoritariamente nas faixas mais jovens da população reforça a probabilidade dessa habilidade, de compreender as potencialidades dos diferentes códigos, constituir uma tendência ainda em desenvolvimento.

Esse processo é assim descrito por Peirce:

Dizer que uma operação da mente é controlada é dizer que é, num sentido especial, uma operação consciente; e isso, sem dúvida, é consciência do raciocínio. Pois esta teoria exige que, ao raciocinar, estejamos conscientes, não somente da conclusão, e de nossa aprovação deliberada a seu respeito, mas também dela ser o resultado da premissa a partir da qual ela resulta, e, além disso, de que a inferência é uma da possível classe de inferências que se conformam a um princípio guia. (...) Só elas merecem ser chamadas raciocínios; e se quem raciocina é consciente, mesmo vagamente, de qual é seu princípio guia, seu raciocínio deve ser chamado de argumentação lógica (Peirce, 1931-58: 5.441).

Portanto, a ideia compartilhada por diversos autores, conforme vimos acima, de que estaríamos vivendo um processo de transformações cognitivas, sobre a base de mudanças comportamentais e perceptivas, nos parece ser real e uma consequência da apreensão coletiva do princípio guia do pensamento em rede digital multicódigos, com suas propriedades sinestésicas, coletivas e autoconscientes. Como depende de mudanças comportamentais e perceptivas, esse processo é mais atuante nas mentes que conseguem articular as várias habilidades derivadas das linguagens híbridas multicódigos.

Assim, nossos pensamentos e processos comunicacionais passam a obter o necessário caráter mutante que os tornarão adequados à permanente mudança que preside os objetos dinâmicos da realidade na qual estamos inseridos, ou seja, conforme a Máxima Pragmática, ao hábito mental geral que consiste na lei viva da produção dos efeitos percebidos.

Referências:

- CLARK, A. (2008). **Supersizing the Mind: Embodiment, Action, and Cognitive Extension**. Oxford: Oxford University Press.
- CLARK, A. & CHALMERS, D. (1998). **The Extended Mind**. *Analysis* 58:7-19.
- FITZGERALD, J. J. **Peirce's Theory of Sign as Foundation for Pragmatism**. The Hague: Mouton, 1966.
- IBRI, I. **Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce**. SP: Perspectiva, 1992.
- JENKINS, H. (2006). **Convergence Culture: Where Old and New Media Collide**. New York: New York University Press.
- LÉVY, P. (1998). **A Inteligência coletiva**. São Paulo: Edições Loyola.
- McLUHAN, M. (1969). **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix.
- NESHER, Dan. "A Pragmatic Theory of Meaning" in *Semiotica* 44 3/4. Mouton: Amsterdam, 1983.
- ONG, W. (2002). **Orality and Literacy: the technologizing of the world**. London: Routledge.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers**. 8 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1931 - 1958.
- _____. **The Essential Peirce**. 2 vols. Indiana: Peirce Edition Project, 1998.
- PIMENTA, Francisco J. Paoliello. Pragmatismo: referência epistemológica para ciberativistas? In: Ferreira, Jairo (Org.). **Cenários, Teorias e Heranças do Campo Acadêmico da Comunicação**. Rio: E-Papers, p. 171-185, 2007a.
- _____. Semiótica, como teoria da representação, e o campo da Comunicação. In: Coutinho, Iluska e Silveira, Potiguara (Orgs.). **Comunicação: tecnologia e Identidade**. Rio: Mauad X, p. 11-22, 2007b.
- _____. Indeterminação; o "admirável"; a crescente comunicabilidade. In: **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, no. 38, abril, pp. 37-43, 2009.
- _____. A Epistemologia da Comunicação e o Grupo da Unisinos. In: **Anais do XIX Compós**. Rio: PUCRio/Compós, 2010.
- _____. e RODRIGUES, Luciana. Wikileaks e Liberdade na Comunicação: concepções da sociedade brasileira frente à web 2.0. In: **Anais do XVII Intercom Sudeste**. Ouro Preto: UFOP/Intercom, 2012.
- _____. e UMBELINO, Maria Teresa. A Emergência da Cidadania nos Metaversos. In: **Contemporânea**, Rio, PPGCom UERJ, vol.10, no. 1, 2012.
- _____. e RIVELLO, Ana Paula. Zapatismo e Ciberativismo: a busca de uma conexão perdida. In: **Comunicação: Práticas e Fronteiras**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2012.
- _____. e VARGES, Julia P. Second Life: vida e cidadania além da realidade virtual? In: **Revista Comunicação & Sociedade**, S. Bernardo, UMESP, v.28, p.13 - 27, 2007.
- _____. e SOARES, Letícia P. EuroMayday 2004 e o Ativismo Político pela Rede. In: **Revista Líbero**, São Paulo, FACASPER, v.VI, p.30 - 35, 2004.
- RHEINGOLD, H. (1993). **The virtual community**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- _____. (2012). **Net Smart: how to thrive online**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- SILVA, Renata Prado. *World of Warcraft: semioses para produção de envolvimento em jogos eletrônicos*. Juiz de Fora: Dissertação (Mestrado em Comunicação), PPGCom UFJF, 2010.
- TURKLE, S. (1995). **Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet**. New York: Simon & Schuster Paperbacks
- VERNADSKI, V.I. (1998). **The Biosphere**. Copernicus, Springer, New York.
- WARDROP-FRUIJN, N. & MONGORT, N. (2003). **The New Media Reader**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.